



O seminário pretende traçar um perfil dos 20 anos de Brasília

Repórter conta como imprensa ajudou a construir a cidade

Presente em todos os momentos de Brasília, a imprensa, segundo o jornalista Edílio Gomes de Matos, "foi fundamental na construção e assentamento definitivo da nova capital". Edílio, pioneiro da cidade, chegou ao cerrado no tempo em que Juscelino Kubitscheck inaugurava até bares na W-3 Sul: "Brasília foi a grande esperança de todos nós. Era uma linda promessa".

Noticiando o dia-a-dia da nova capital, Edílio lembra que, entre 62 e 64, chegou-se a pensar que o sonho não se concretizaria: "Aí, os jornais - **Correio Braziliense**, aqui, e outros no Rio - começaram a cobrar o assentamento definitivo de Brasília como capital do País. Com a vinda das Forças Armadas e embaixadas, a cidade, finalmente, assumiu o papel histórico para o qual foi construída".

COMEÇANDO

Como repórter político do **Jornal do Brasil**, Edílio Matos conviveu com todos os problemas iniciais da cidade: "Cheguei em abril de 60. De carona em um jipe, consegui alojamento em um hotel. Táxis não existiam e as ruas eram grandes atoleiros". No Palácio do

Planalto, ele obteve grandes êxitos em sua carreira: "Dei, em primeira mão, a notícia da renúncia de Jânio Quadros". O telex, antecipando a saída do ex-Presidente, foi considerado inverossímil pelos editores do jornal.

A credencial do Palácio foi casada pelo ex-Presidente Castello Branco, quando Edílio divulgou a solução para os problemas dos aviões em Minas e o Ato Institucional número 1. Ele só voltou ao Planalto quando Costa e Silva assumiu. E recebeu convite para pertencer aos quadros da Presidência. O convite foi recusado. O jornalista conta que só teve, até hoje, um emprego público. Como químico do Instituto do Açúcar e do Álcool.

COM OS FATOS

Observando Brasília em seu vigésimo aniversário, ele não tem queixas: "A vitalidade dessa cidade é inacreditável. Se o Governo liberasse um polo industrial para o Distrito Federal, não se pode nem prever o que ocorreria. Em 20 anos, a cidade se tornou capital em todos os sentidos". Edílio assinala a criatividade e os talentos que tiveram oportunidade de mostrar

trabalho aqui: "Sem ter mar, os técnicos, em Brasília, treinam todos os especialistas da Petrobrás. Os agricultores estão extraíndo do cerrado soja e outros produtos, com a maior competência. A cidade está se fazendo e permitindo o desenvolvimento de muitas inteligências".

Para os jornalistas novos, Brasília também foi uma promessa que, segundo Edílio, não falhou. Ele só reclama da ausência dos "furos" e competição no setor:

"As salas de imprensa distribuem tudo para todos. No meu tempo, a notícia era cavada com sagacidade". E conta que, em uma viagem com João Goulart aos Estados Unidos, ele conseguiu, com 24 horas de antecedência, o discurso que o ex-Presidente faria no Congresso Americano. Só que a cópia era em Inglês, língua que ele não dominava. Com um companheiro e ajuda da camareira do hotel, ele fez a tradução. E mandou ao JB o discurso que seria lido no dia seguinte.

FAZENDO HISTÓRIA

A Revolução de 64 foi documentada por ele. Edílio Matos lembra a noite em que os militares

tomaram o poder: "Chamaram o Mazilli para assumir. Todo tumulto, ele só aceitava a posse se pelo menos um general estivesse presente. Chegaram o presidente do Supremo Tribunal Federal e o general Fico. Aí, ele aceitou e nomeou imediatamente o general chefe do Gabinete Militar. Percorri o Palácio com o general apresentando todas as salas a ele. A troca de poder, segundo ele, só ocorreu mesmo na madrugada do dia dois de abril.

Darcy Ribeiro foi o último Ministro a deixar o Palácio. Só saiu depois de passar uma "descortesia" em todos os Ministros militares de Jango, acusandos, dentre outras coisas, de traição ao ex-Presidente". Edílio Matos acompanhou, também, todo o desenrolar da política no País depois da Revolução: "Acreditávamos, no tempo de Juscelino, que o Brasil só progrediria em termos de liberdade e democracia. Tal fato não ocorreu. Estivemos em um período nebuloso. Hoje, percebo no Presidente Figueiredo excelentes intenções. Contudo, acredito que o povo não deve esperar que a democracia seja uma

dádiva".

Ele acha, inclusive, que o período democrático de JK não teve prosseguimento, exatamente, pela falta de tradição: "Juscelino quis e fez um país com liberdade. Como era uma dádiva não houve seqüência". O jornalista não esconde sua admiração por Juscelino e por Brasília. Em seu livro "Várias Estórias com Pé e Cabeça" ele abre assim uma crônica: "Do lado de cá do Lago, onde instalei minha jurisdição, vejo todos os dias a cidade crescer no Planalto Central, elevar-se, congestionar-se de edifícios maciços, concretos, de concreto puro".

A extraordinária vitalidade de Brasília, tão jovem e tão exuberante, resplandecente de luzes na noite escura ou toda feita de sol, nos dias brilhantes de céu azul, me empolga.

Talvez por sê-la produto do gênio brasileiro, com marca registrada, "copirraite" no projeto, traduzida para todas as línguas estrangeiras e distantes, orgulho dos mineiros e ponto de encontro da humanidade nativa e internacional"... "Se eu fosse Governador, transformaria este canto do mundo num jardim".

